

Comunicação, futebol e ideologia: retomando o debate com o marxismo-althusseriano¹

Felipe Tavares Paes LOPES²
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Neste trabalho, busco retomar o debate sobre futebol e ideologia, a partir do diálogo com o referencial marxista-althusseriano. Mais exatamente, objetivo analisar as potencialidades e limitações do conceito de aparelho ideológico de Estado como ferramenta de análise científica do futebol brasileiro atual. Para tanto, apoio-me, principalmente, na obra de John B. Thompson e em informações obtidas em pesquisas de campo. Ao fazer isso, indico a originalidade das principais teses althusserianas sobre ideologia e apresento cinco críticas dirigidas a elas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; futebol; ideologia; marxismo; Althusser.

RESUMO EXPANDIDO

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa, que conta com financiamento da Fapesp, acerca da produção latino-americana sobre futebol e poder. Pesquisa na qual procuro identificar e analisar os principais argumentos e pressupostos teóricos mais importantes dessa produção, que se insere no campo mais amplo dos estudos sociais do esporte. Este começou a se consolidar no fim da década de 1960, na Europa. Naquele momento, diversos países do mundo assistiam a uma série de revoltas, protagonizada, principalmente, por estudantes e trabalhadores, que estabeleciam uma agenda de lutas que questionava os mais diversos aspectos das sociedades capitalistas. Inspirados nessa agenda de lutas, autores ligados as chamadas “teorias sociais críticas” começaram a tecer múltiplos ataques ao esporte de alto rendimento, incluindo, evidentemente, o espetáculo futebolístico. Entre esses autores, destacam-se Bero Rigauer, Gerhard Vinnai e Jean Marie Brohm (PRONI, 2002)

Tomando como base as análises do filósofo francês Louis Althusser (2013) – que renovou a teoria marxista ao criticar sua ossificação pelo stalinismo e, ao mesmo tempo, a revigorou colocando novamente o ideal revolucionário como horizonte de mundo da esquerda – Brohm (1993; 1982) interpretou o futebol como um aparelho ideológico de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Doutor I da Faculdade de Educação Física da Unicamp, e-mail: lopesftp@gmail.com

Estado (AIE), que serviria para legitimar o modo de produção capitalista, refletindo a visão de mundo da burguesia. Mais ainda, que serviria para ocultar os conflitos sociais e a luta de classes, além de canalizar a energia da massa trabalhadora, afastando-a da luta política.

No Brasil, o marxismo-althusseriano fez relativo sucesso na universidade na década de 1980 (HELAL, 2011). Inspirado em tal referencial, Roberto Ramos publicou, em 1984, o livro “Futebol: ideologia do poder”. Produto de uma monografia orientada pelo psicólogo social Pedrinho Guareschi, tal livro acabou virando referências nos debates sociais sobre futebol. Interessante notar que, naquele momento, correntes antropológicas e em perspectiva histórica já questionavam as interpretações marxistas-althusserianas do futebol. Afinal, para elas, as referidas interpretações, ao reduzir o futebol a uma variante do “ópio do povo”, perdem de vista que, em determinados contextos, ele pode ser um local de formação de identidades, participação, pertencimento, emoção, criação e imaginação (LOVISOLO, 2011).

Mas se, por um lado, as análises de Ramos (1984) distanciavam-se daquilo que era produzido na Antropologia e na História; por outro, participava das críticas mais amplas ao esporte de rendimento desenvolvidas na Educação Física, que, naquele período, passava por um processo de desbiologização, dirigindo fortes críticas às (então) vigentes matrizes biológicas da área, vistas como mecanicistas, cartesianas, positivistas, produtivistas e reprodutivistas (LOVISOLO; VENDRUSCOLO; GÓIS JÚNIOR, 2015). De qualquer maneira, ao longo do tempo, a interpretação marxista-althusseriana do futebol foi perdendo força no Brasil e interpretações consideradas menos “apocalípticas” foram ganhando espaço (HELAL, 2011).

Considero, no entanto, que tratar o marxismo-althusseriano como mero resíduo do passado, como representante de um pensamento já superado, seria prematuro. Afinal, estava corretíssimo em chamar nossa atenção para os vínculos (umbilicais) entre futebol e poder, que fazem brotar das práticas e representações presentes no universo futebolístico um potencial ideológico extraordinário. Também estava corretíssimo em insistir que a análise desses vínculos e potencial só pode ser feita se integrada no contexto mais amplo do estudo da sociedade capitalista. Isso não significa, todavia, perder de vista suas lacunas, equívocos e pontos fracos. Por esta razão, neste trabalho, tenho como objetivo examinar seu conjunto mais amplo de pressupostos, a fim de indicar, mais

especificamente, as potencialidades e limitações do conceito de AIE como ferramenta de análise científica do futebol brasileiro atual.

Para desenvolver essa análise, tomo como base as críticas feitas a Althusser por uma série de autores – especialmente, John B. Thompson (2000). Também me apoio nas informações obtidas em pesquisas de campo que realizei com coletivos ativistas de torcedores da cidade de São Paulo, que buscam fazer frente e modificar uma série de condições, como o sexismo, a homofobia, o racismo e o fascismo nos estádios de futebol e na sociedade em geral. Coletivos que lutam, ainda, contra o chamado “futebol moderno”, ou seja, contra o processo de hipermercantilização do futebol, cada vez mais moldado pela lógica midiática (LOPES, 2023).

Começo observando que, segundo Althusser (2013), os AIE atuam, maciça e predominantemente, à base da ideologia – definida por ele não como uma representação imaginária das nossas condições materiais de existência, mas da nossa relação com essas condições. A partir dessa definição, defende algumas teses bastante originais sobre a ideologia, tais como: a de que ela não possui história, isto é, de que ela seria um fenômeno onipresente e imutável em sua forma em toda a extensão da história. Um fenômeno trans histórico, da mesma forma como seria o inconsciente para Freud. Ainda, a de que ela possui uma existência material, e não espiritual ou ideal, ou seja, a de que ela se inscreve “[...] nos atos ou práticas regidos por rituais que se definem, em última instância, por um aparelho ideológico” (ALTHUSSER, 2013, p. 131). E, por fim, a de que ela interpela os indivíduos como sujeitos (livres) para que aceitem “livremente” sua própria sujeição, isto é, para que executem “sozinhos” os atos e gestos que a sustentam.

A partir da análise dessa definição e teses sobre a ideologia, argumento que o referencial althusseriano, a despeito de seus diversos méritos, incorre em alguns problemas. Primeiro: o de pressupor uma perspectiva de receptor passivo, que perde de vista o caráter aberto, ambíguo e dilemático do processo de consumo/recepção do futebol (THOMPSON, 2000). Aqui, observo que, longe de desempenharem obedientemente o papel que lhes é prescrito pela ideologia, os torcedores (ou, ao menos, parte deles) são capazes de se distanciar dela e, até mesmo, de rejeitá-la (LOPES, 2023).

Segundo: o de sobrestimar a capacidade de o futebol de integrar os indivíduos na ordem social (THOMPSON, 2000). Aqui, destaco que o dissenso é muito mais recorrente no interior do universo futebolístico do que os estudos de base althusseriana nos fazem crer. Embora esses estudos jamais tenham negado a existência de conflitos em tal

universo – até mesmo porque, para Althusser (2013), todo AIE é um lugar de lutas encarniçadas pelo poder –, eles o interpretam, em última instância, como um espaço estruturado em favor da ideologia da classe dominante.

Terceiro: o de considerar a classe social, em todas as circunstâncias, a principal característica estrutural dos contextos sociais com referência aos quais a análise da ideologia deve ser feita (THOMPSON, 2000) Aqui, sublinho que o universo do futebol é caracterizado por relações de dominação baseadas também em outros fatores – como os de gênero, idade e raça – e que eles não podem ser marginalizados. Ao contrário, em determinados contextos e sob certas circunstâncias, podem ter um “peso” maior do que o fator “classe” no que diz respeito ao acesso às posições de poder (LOPES, 2023).

Quarto, o de não conseguir dar fim ao velho problema verdade/falsidade, ensejado pelo conceito de ideologia desde o momento em que Napoleão o imprimiu um sentido epistemológico negativo. Aqui, observo que, ainda que Althusser (2013) tenha reformulado a noção de representação – caracterizando-a como a maneira como vivenciamos as condições de existência a que estamos sujeitos – não há motivos para acreditarmos que nossa experiência vivenciada seja menos ambígua do que as nossas ideias (EAGLETON, 1997).

Quinto e último: o de não dar a devida atenção à centralidade dos meios de comunicação de massa na formação e propagação da ideologia nos dias de hoje. Aqui, destaco que a experiência das pessoas (incluindo, obviamente, a de torcer) está cada vez mais mediada por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica, que envolvem uma complexa rede institucionalizada de comunicação, e que, portanto, o AIE da informação não é apenas um entre outros, conforme sugere o marxismo-althusseriano (THOMPSON, 2000).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 105-142.

BROHM, J-M. 20 tesis sobre el deporte. In: BARBERO, J. I. (Ed.). **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993, p. 47-55.

_____. **Sociología política del deporte.** Ciudad del México. Fondo de Cultura Económica, 1982.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol.** Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982, p. 19-42.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 08, n. 21, 2011, p. 11-38.

LOPES, F. T. P. **Ativismo e resistência no futebol:** o Trio de Ferro contra a dominação. Paulínia: AutorEsporte, 2023.

LOVISOLO, H. R. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H. R.; SOARES, A. J. G. (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais:** interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

LOVISOLO, H. R.; VENDRUSCOLO, R.; GÓIS JÚNIOR, E. Recorte dos estudos socioculturais na Educação Física. In: STIGGER, M. P. (Org.). **Educação Física + Humanas.** Campinas: Autores associados, 2015, p. 181-202.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs). **Esporte, história e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2002, p. 31-62.

RAMOS, R. **Futebol:** ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.